

SUPLEMENTO CULTURAL

Sob a responsabilidade da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Coordenação: Geraldo Ramon Pereira - Contato: (67) 3382-1395, das 13h às 17h | www.acletrasms.org.br

O ENCANTAMENTO NA PULSAÇÃO POÉTICA DE RUBENIO MARCELO

(e o seu livro “Vias do Infinito Ser”, indicado ao Vestibular UFMS)

ANA MARIA BERNADELLEI – escritora, professora e ensaísta, Cadeira nº 27

“Vias do Infinito Ser”, de Rubenio Marcelo, é um daqueles livros que superam sua função de conter poemas para serem lidos e apreciados com reverência. Torna-se, desde a primeira leitura, um guia da enigmática espiritualidade humana diante de um mundo tão inescrutável quanto. Um tratado a ser consultado tanto nos momentos aflitivos como na “azulecência” do sorriso calmo. “Vias do Infinito Ser” sustenta-se na leitura silenciosa e filtra dimensões da vida cotidiana que se alojam em nossa mente e lá permanecem questionando-nos, disciplinando-nos a um esforço mental prazeroso e necessário.

Uma metáfora a cada verso: “Na antessala do cotidiano” / “... deixo o camarim” / “...esvaziam-se em estéreis casulos...” / “...aguardando a chuva de caju...” – e por aí vão as imagens... uma poesia de vida, uma poesia além-livro. Os caminhos traçados por Rubenio são construídos por silêncios, respiração ofegante e/ou cadenciada, pausas alternadas de versos em ebulição, por vertigens e brincadeiras que utilizam a linguagem sinestésica sem qualquer timidez...

Quando, diante de um momento corriqueiro da vida, o poema não se apequena, ao contrário, ganha inestimável valor simbólico e celebra a essência da poesia que canta os detalhes do dia a dia com o sublime da sabedoria poética que é a expressão universal. As vias do poeta são muitas e muitas as possibilidades de sentido. Aliás, encontrá-las é intrínseco à capacidade individual de nos posicionarmos ante o mundo como ato de criação poética.

Diante dos poemas de Rubenio Marcelo, tor-

namo-nos um pouco poetas, porque ele canta a vida com suas nuances que são, sem dúvida, a fotografia verbal da existência de cada um de nós. Poema a poema consolida-se a sua ação criativa de “desentranhar” – como dizia Manuel Bandeira – a poesia escondida nas coisas, nas palavras, nos sonhos, nos risos e nos gritos. Rubenio extrai do minério-poético a poesia vestida de vida, ora em realidades singulares, ora em convergências encantatórias de vocábulos. Assim, o poeta urde, ao longo dos poemas deste seu livro, um caminho de extrema sensibilidade, o qual trilhamos recolhendo a poesia... – “qual pássaro com olhos de estrelas...” / “...nos milhões de sonhos abolicionistas...” / “vem ser anjo, asas, vida”.

Desnecessário dizer que os poemas de “Vias do Infinito Ser” configuram o rosto do homem/mulher do nosso novo século, em que as emoções se misturam em busca de caminhos outros, lugares incomuns, singulares, de uma singularidade tal que o ser aqui retratado não mais nos pertence – é cidadão do mundo e comunga com ele a sua individualidade mesclada à diversidade, às democráticas diferenças em perene onda de encantamento.

Por suas características literárias, o livro “Vias do Infinito Ser”, de Rubenio Marcelo, encontra-se indicado como obra de leitura obrigatória na lista da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul: para o seu Vestibular 22/2023 e para o Passe, cujas provas respectivamente acontecerão em 4/12 e em 11/12/2022. Também integram este referido conteúdo programático da UFMS as obras: “Marília de Dirceu”, de Tomás Antonio Gonzaga; “Esaú e Jacó”, de Machado de Assis; “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, de Lima Barreto; “Viagem e Va-



Livro “Vias do Infinito Ser”

“O livro ‘Vias do Infinito Ser’ filtra dimensões da vida cotidiana que se alojam em nossa mente, disciplinando-nos a um esforço mental prazeroso e necessário”

ga Música”, de Cecília Meireles; “Sagarana”, de Guimarães Rosa; “O Encontro Marcado”, de Fernando Sabino; “Seminário dos Ratos”, de Lygia Fagundes Telles; e “Cinzas do Norte”, de Milton Hatoum.

Parabéns, Academia Sul-Mato-Grossense de Letras – 51 Anos!

JOSÉ DO COUTO VIEIRA PONTES – fundador da ASL, Cadeira nº 11

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras completou cinquenta e um anos de existência na data recente de 30/10/2022. Lembrar a data de sua fundação, 30 outubro de 1971, é motivo de júbilo e orgulho para todos os que amam este rincão abençoado do Oeste Brasileiro.

Com efeito, ao longo destas décadas, a Academia cobriu-se de glória, seja pela repercussão nacional de suas promoções culturais, seja pela produção literária de alto nível dos seus membros. O embrião da entidade foi o vitorioso lançamento da consagrada obra de Ulisses Serra, “Camalotes e Guavirais”, no dia 13/10/1971, em Campo Grande, uma noite de autógrafos inesquecível, até então jamais vista no Estado. Dezesete dias depois, o confrade Ulisses, numa manhã cheia de sol e cânticos de pássaros, convidou o poeta Germano Barros de Souza, bem com o autor destas linhas de saudade, e seguimos todos para a Estância Gisele, de propriedade de Ulisses, a 10 km da cidade.

Em seu precioso livro “A Fascinante Natureza Humana”, o confrade Heliophar Serra lembra o dia do nascimento da nossa Academia, na beleza daquele ambiente bucólico. Ulisses serviu um lanche, com refrigerantes, tudo

preparado por um atencioso caseiro. Quando o bate-papo literário já prosperara bastante, ele subiu num caixote e disse aos companheiros: “A Academia de Letras e História de Campo Grande está fundada”. Nascia, assim, o nosso areópago, à sombra do arvoredado, como no Jardim de Academos, na Grécia Antiga. Nessa histórica reunião, Ulisses Serra recitou versos de seu pai, o notável poeta Arnaldo Serra; Germano declamou poesias de seus vates preferidos; eu me lembrei de Vicente de Carvalho e Augusto dos Anjos.

A instalação oficial da entidade deu-se no dia 13/10/1972, no saguão do Hotel Campo Grande, às 20 horas, presentes altas autoridades e figuras de destaque. Após a solenidade, houve um banquete no Rádio Clube (cidade). Nesta memorável noite, a saudade e a emoção tomavam conta de todos os corações: Ulisses não estava presente, falecera em 30 de junho de 1972, no Rio de Janeiro, onde se achava em tratamento de saúde. Toda a cidade chorou-lhe a perda. A Câmara Municipal, com o esplendor de sua histórica dignidade, velou-lhe o corpo, no saguão, onde os amigos e admiradores, em longa e silenciosa fila, foram levar ao honrado filho, não o último adeus, mas a certeza de que ele viverá eternamente em nossos corações.

A partir de sua fundação, a nossa Academia prosperou. Passaram a integrar-lhe o quadro

ilustres figuras da vida literária. O nome Academia Sul-Mato-Grossense de Letras veio no final de 1978, com o advento do novo estado (Mato Grosso do Sul). A partir de sua criação, nossa Academia editou o Suplemento Cultural, no **Correio do Estado**, graças à gentileza e ao nobre espírito de seu proprietário, o confrade J. Barbosa Rodrigues, página publicada até hoje nas edições de sábado. Instituiu o Concurso de Contos Ulisses Serra, de repercussão nacional. Criou as Edições Acadêmicas, para publicação de obras literárias, mormente de membros do sodalício; as Biografias de Patronos, escritas pelos ocupantes das Cadeiras; os Discursos Acadêmicos, publicados em livros, contendo as orações preferidas por ocasião da posse de cada acadêmico. Várias outras iniciativas foram levadas a cabo, como os cursos Arte Poética, Arte de Escrever e Arte do Conto.

Parabéns, Academia Sul-Mato-Grossense de Letras! Muitos anos de vida! Esta é a saudade dos simples, dos humildes, dos que trocam as riquezas materiais pelo aperfeiçoamento da cultura e enriquecimento do espírito. Não foi em vão o seu maravilhoso sonho, Ulisses. Sabemos, com nossa fé cristã, que você, das galerias da Eternidade, está participando de nossa alegria, nesta hora de comovente lembrança, a par do contentamento pela conservação e cultivo de seu sublime ideal.

+POESIAS

Minha viola

Tua madeira já foi pinheiro um dia,
Onde o vento manhoso, em sons de ninho,
As cordas milenares já feria
Na cantiga eternal de um passarinho!

Têm-te as curvas do encanto e da magia
Da formosa cabocla em desalinho...
Dela tens a voz triste, em litania,
Também clamas a falta de um carinho!

Por isso, viola minha, se a saudade
Esta vida tapera em dor me invade
E a ausência dela rói-me desse jeito,

Há só um consolo, ó viola abençoada,
É abraçar-te qual fosses minha amada,
Te aconchegando assim contra meu peito!

GERALDO RAMON PEREIRA

A rastos

incrível
como o tempo nos arrasta...
como o tempo nos afasta
de nós mesmos...

e esta sala justa
é que dá o basta:
pois aponta a lista
mas não mostra a pista
da saída imposta...

apenas contesta
e, assim, nos assusta
pois conta o que consta
pela incerta fresta
que talvez nos resta...

RUBENIO MARCELO

Aurora pantaneira

O verde que ecoa tua história
É lavado pelas águas dos teus rios
Lendas guardadas no teu chão
Percorrem o medo das sombras
E esvanecem na contação de histórias
Tua vida é tua riqueza
Tua beleza é tua magia
A poesia das tuas horas
É o enleio do teu tempo
O teu canto é o choro do crepúsculo
À espera da aurora pantaneira

MARCOS ESTEVÃO

Mistério (fragmento)

– Este mundo é um mistério!...
Mistério também a vida...
Por que uns andam em espinhos,
Outros em estrada florida?
– Todas as coisas que existem
Têm sua razão de ser.
Se a dor anda pelo mundo
Qualquer missão deve ter.

OLIVA ENCISO

Tempos difíceis

OSWALDO ALMEIDA – Cadeira nº 3 da ASL

Encontro o Filogônio, velho amigo dos tempos dos cursos ginásial e de técnico em contabilidade, e que há bastante tempo eu não via. Nos cumprimentamos, abraçamos e tal, mas percebi que ele não parecia muito à vontade. Filo, como o chamávamos no colégio, era muito alegre e expansivo e, fisicamente, mudou bastante nesses anos todos. Claro, todos mudamos. Digo-lhe que ele parece em ótima forma e tal, mas ele afirma que não está tão bem assim, que as coisas não andam nada boas para o seu lado, etc. Sugeriu que fôssemos para um bar próximo dali, onde poderíamos bebericar umas geladas e conversar mais tranquilos, e assim fizemos.

Pergunto, afinal, o que está havendo, e ele começa a desfiar um rosário de queixas: a esposa o abandonou há cerca de três anos, trocando-o por

outro muito mais jovem que ele; acha que o fato de não terem tido filhos pode ter sido um dos motivos para a mulher tê-lo deixado, pois sempre o culpava por isso, embora ele pense que ela é que era a culpada, uma vez que sempre recusava sua proposta para fazerem exames de fertilidade. Para piorar, perdeu o emprego no banco onde laborava havia mais de vinte anos e estava desempregado, com dificuldades para encontrar novo trabalho devido à idade. Tem se mantido com a indenização que recebeu na rescisão do contrato de trabalho e com o saldo do FGTS, que sacou em virtude do desemprego. Mora numa pensão modesta, num bairro distante do centro da cidade. A casa que haviam construído durante o casamento ficou para a ex-mulher.

Mas, disse ele, vamos mudar de assunto, e perguntou-me como eu estava. Conte-lhe resumidamente minha situação, disse-lhe estar aposen-

tado, levando uma vidinha regrada e pacata, sem muito o que comentar. Mas ele insiste: quer saber de minha vida pessoal, se continuo casado com a mesma mulher, o que faço para ocupar o tempo, etc. Respondi que continuo casado, sim, com a mesma mulher. Ele se assustou com isso, dizendo que o casamento recém-desfeito já era sua quinta união, na verdade a segunda oficial, “de papel passado”; entre a primeira e essa última, teve outras três companheiras, que também o abandonaram. Disse-lhe que, ao que parecia, o problema, então, estava nele. “De jeito nenhum”, disse ele. “Elas me abandonaram porque não aceitavam que eu fosse com meus amigos ao futebol, que fosse para o bar depois do expediente a fim de tomar umas geladas, de ficar até tarde nas mesas de bilhar, etc. Mas se o homem não tem liberdade para fazer as coisas de que gosta, qual o sentido da vida?”, questionou ele.

“É, meu amigo, assim fica difícil, não? Você alguma vez parou para pensar na situação delas, nos seus sentimentos?”, indaguei-lhe. “Que sentimentos? Mulher tem é que ficar quietinha em casa, fazer o que o seu homem manda!”, foi sua resposta. Diante de tudo isso, concluí que, com a vida que dizia levar, sua situação não era de surpreender. Fiquei chocado com seus conceitos absurdos sobre as mulheres.

Continuamos conversando, falando sobre ex-colegas, relembrando situações que vivenciamos naqueles tempos de escola e outras amenidades. Ele disse que, finalmente, pelo menos tinha a perspectiva de um trabalho para os próximos dias, no escritório de contabilidade de um cliente do banco onde trabalhou, de quem se tornou amigo. Por fim, paguei a conta e nos despedimos com a promessa de nos reencontrarmos em breve.